

ONTEM, HOJE E SEMPRE!

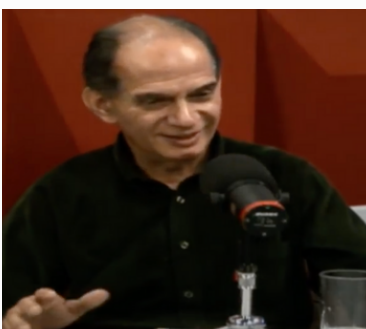
Autor: Luiz Cacacci

Rev.1

Ante os múltiplos desafios do futuro o Movimento Espírita Brasileiro e suas peculiaridades que são inerentes à formação dos indivíduos que vivem esse momento histórico, mas que podem e devem ser trabalhadas para se tornarem propulsoras nesses novos tempos, nós brasileiros formamos um povo que aceita a espiritualidade de diversas maneiras, embora não a use como via de desenvolvimento mais harmonioso, mais autêntico para firmar sua crença no papel do Espiritismo como propulsor no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades.

Kardec já havia antecipado e tentou preparar a continuidade do movimento espírita na França sabendo que como nós espíritos estamos sujeitos ao orgulho e egoísmo característicos de nossa condição evolutiva, e que isto seria inexorável.

Mas não podemos deixar de lembrar que em tudo tem-se de ser levado em conta o mundo encarnado e o desencarnado. Muitas pessoas não entendem que no mundo espiritual o entendimento e a união se faz entre os afins.



Luiz Cacacci é conselheiro da USE Brás Moóca e dirigente do Centro Espírita José Barroso, na cidade de São Paulo-SP

Portanto quem tinha uma crença em determinada religião vai continuar com a mesma quando desencarna e acaba reencarnando para dar continuidade a seus propósitos, até que compreendam que a espiritualidade é a porta para que no mundo encarnado possamos exercitar a liberdade para o entendimento da moral que nos leva a (trans)formar a existência.

Da mesma maneira que muitos se levantaram contra a adulteração da mensagem de Jesus e de outros espíritos do seu nível em missões encarnadas, outros que não querem que a evolução se valide para não perderem seu controle sobre o mundo ou não deixarem que a evolução se faça, essa roda de manutenção de verdades dogmáticas acaba servindo àqueles que também não querem se comprometer a escolherem um caminho em que as consequências são da responsabilidade de cada espírito em processo reencarnatório.

Assim sendo, os mesmos que encarnados, ou desencarnados, fizeram com que o Espiritismo sofresse o recrudescimento na França, e quando o trouxeram para o Brasil, trazem a mesma discórdia para interceptar a sua evolução. Aqui talvez com um intuito menos desprovido de poder financeiro, mas as vezes, por quererem salvar o Cristianismo das Igrejas, que delas fizeram parte e queriam se desculpar se apoiando na nova Doutrina, mas de forma mais simples, não tanto liberal, porque o povo não ia compreender as “dificuldades” dos novos conhecimentos.

Em 1947, após a segunda grande guerra, o mundo se prepara para as mudanças necessárias a sua nova configuração em todos os campos político, econômico, social e até mesmo de fraternidade, com a reconstrução da ONU a partir da finada Liga das Nações, nunca o sentimento de solidariedade foi tão forte; mas, ao mesmo tempo, nunca foram tantas as ocasiões de divisão e de conflito.

Por outro lado, a rápida transformação das sociedades humanas, a que estamos inseridos, dá-se em dois sentidos: no sentido da mundialização, mas também no sentido da busca de múltiplas raízes particulares.

Criando naqueles que a vivem ou tentam geri-la, um leque de tensões contraditórias, num contexto de completa alteração.

Em São Paulo, o Movimento Espírita se reúne numa condição nunca vista anteriormente tanto no Brasil como no mundo, falando em liberdade, fraternidade e orientações Kardecistas, para que as instituições possam se reunir da forma como o mestre lionês propusera a quase um século.

As grandes instituições que congregavam centros se dispõem a dialogar e mudar o panorama místico e deturpador do movimento até então. Nos anos iniciais tudo corria da maneira comprometida entre as partes mas já haviam intenções de hegemonia que não tardariam a se revelar.

Tanto assim é que na década de 70 se propõem como uma simples continuidade a fusão entre a USE e a FEESP, uma patrocinadora que continuou a federar seus centros, mesmo quando as outras respeitaram o acordo. Felizmente, o movimento Useano não se deixou levar e pôs por terra a ideia, que levada pelos dirigentes da antiga Federação, acabou por distanciar-se formalmente da própria entidade que ajudara a fundar.

Concomitantemente, na mesma década, funda-se a Aliança Espírita Evangélica disposta a federar centros dentro de seus princípios, ligados ao antigo organizador da FEESP, Edgar Armond, que além de patrocinar junto com as outras entidades a própria USE parte para (re)dividir o movimento, contrariando suas antigas propostas de união das casas paulistas.

Hoje após muitas dessas figuras que fizeram parte desses movimentos, inicialmente já não estarem encarnadas, e o movimento estar passando por outras vertentes, podemos dizer que mesmo assim é um dos mais próximos da proposta inicial do Codificador, não que esteja livre do religiosismo exacerbado e dos misticismos.

Agora com essas novas direções e depois de algumas tentativas de aproximação, as instituições FEESP e Aliança decidem fazer em conjunto com a coordenadora do Movimento Espírita no Estado de São Paulo, a USE, a comemoração do sesquicentenário do Livro dos Médiuns.

A ideia é interessante do ponto de vista de aproximação que deve existir entre todos que sabem do potencial de nossa Doutrina. Mas não podemos deixar de lembrar que a união entre as instituições, não é de determinação dos procedimentos de cada casa espírita, mas de respeito e defesa da manutenção de todos pelos princípios doutrinários, estes sim que nos fazem sermos parte do Movimento como um todo. Esta união se faz entre as diferenças respeitadas a Doutrina.

Respeitando a tudo e a todos, lembremos que antes de instituições, somos espíritos e que a união destes com o mesmo ideal é mais forte que a formalidade dos conjuntos. Respeitemos porém o compromisso assumido de a muito pela doutrina e pela fraternidade que nos une com o conhecimento que nos permite entender a verdade maior, tanto aqui no mundo material pelos encarnados, como no mundo espiritual pelos desencarnados.

Ajudar a transformar a interdependência real na solidariedade desejada, corresponde a uma das tarefas essenciais da Doutrina Espírita, que tem como objetivo preparar cada indivíduo para compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo se exercitando através do processo evolutivo.

A exigência, que leva ao reconhecimento de que os grupos humanos, povos, nações, continentes, não são todos iguais, nos obriga a olhar para além da experiência imediata, e a aceitar e reconhecer a diferença, e a descobrir que os outros espíritos aqui encarnados tem uma história, também rica e instrutiva. Pois, o sentimento de partilhar valores constitui, o fundamento de todo e qualquer projeto de cooperação.

Devemos pois cultivar como utopia orientadora, o propósito de humildemente encaminhar o movimento espírita para uma maior compreensão mútua, no sentido da responsabilidade e da solidariedade, na aceitação de nossas diferenças espirituais e culturais, nacionais e internacionais.

O Espiritismo que permite acesso a todos os níveis de conhecimento como reflexão e fonte de pesquisa tem um papel concreto a desempenhar no cumprimento dessa tarefa universal consciente de sua singularidade e de sua própria cultura, mas também de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade.

Leia outros artigos no site da USE REGIONAL DE SÃO PAULO
www.useregionalsp.org.br